QUANDO UM NOME NÃO TEM GRAÇA: APELIDOS OFENSIVOS E TEMPORALIDADE EM RELATOS DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Florisbete de Jesus Silva
Secretaria Municipal de Educação, Porto Seguro, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1074-4543
Endereço eletrônico: florisbete@gmail.com

Marcelle Bittencourt Xavier
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5585-712X
Endereço eletrônico: doutoramarcellebitt@gmail.com

Palavras-chave: temporalidade; apelidos ofensivos; estudantes.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe analisar os memoráveis recortados por apelidos ofensivos direcionados a estudantes da Educação Básica. Para tanto, o *corpus* é composto por relatos produzidos por alunos e alunas do 9º ano de uma escola pública de Porto Seguro-BA, durante a aula de Língua Portuguesa, a partir da seguinte questão: *Alguma vez, em sua vida, você já recebeu um apelido do qual não gostou? Como você se sentiu?*

A partir de uma perspectiva semântico-enunciativa, compreende-se que em cada acontecimento do dizer, há memoráveis articulando-se com os sentidos de um enunciado. Esses memoráveis não se configuram como lembranças, mas como rememorações recortadas na sua relação com o presente, projetando uma futuridade que aponta para outras interpretações. Essa temporalidade do acontecimento abre espaço para o movimento dos sentidos, construindo uma nova temporalização. Desse modo, os apelidos direcionados aos estudantes podem recortar memoráveis com sentidos que os significam de modo negativo, estereotipado, discriminatório.

A relevância desta pesquisa reside na compreensão de como apelidos ofensivos podem reproduzir preconceitos e processos de exclusão no ambiente escolar. Ao analisar os sentidos

produzidos por esses dizeres, busca-se contribuir para as discussões sobre linguagem, discriminação e constituição dos sujeitos na escola.

METODOLOGIA

O aporte teórico-metodológico mobilizado para análise é a Semântica Enunciativa do Acontecimento, teoria desenvolvida por Eduardo Guimarães (2002, 2018), para a qual o sentido se constitui historicamente, na relação do sujeito com a língua e com o acontecimento da enunciação.

Partindo desse lugar, dizemos que renomear por apelidos é falar de um lugar social que produz e reproduz sentidos que desvalorizam o outro, criando uma relação em que aquele que diz usa a justificativa da brincadeira para reiterar a renomeação, e essa justificativa estabelece o silêncio. Esse não dito não significa aceitação, mas uma estratégia cujo objetivo é esperar que o agressor se canse, até o apelido cair no esquecimento.

Nesse sentido, podemos identificar o político funcionando no acontecimento da linguagem, trazendo à tona as discrepâncias e exclusões, mas também produzindo condições de igualdade no jogo de embates pelo acesso à palavra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os apelidos que aparecem nos relatos dos estudantes retomam memoráveis que se identificam com diversos tipos de discriminação, como podemos ver nas enunciações que seguem:

> **[Relato 1]:** Já me chamaram de Lol, uma bonequinha que tem vários tons de pele, mas essa é retinta. Só que não gostei, pois falam de um jeito que eu não acho legal, que é Lol preta, e sempre falaram e ficam fazendo gracinhas, mas esse apelido é bem antigo.
>
> **[Relato 2]:** Já me chamaram de lazarento e autista.

O Locutor, responsável pelo dizer em ambos os relatos, é agenciado a falar do lugar social de alocutor-aluno, mobilizando um enunciador individual para apresentar informações acerca dos apelidos a eles direcionados.

Assim como o nome próprio identifica socialmente as pessoas, como afirma Guimarães ([2002] 2005), dando-lhes uma existência histórica, os apelidos também podem

funcionar como uma identificação que não é aceita, mesmo assim é reiterada, como podemos observar no **Relato 1**. O dizer da alocutora-aluna recorta o memorável atrelado a práticas racistas que naturalizam a discriminação racial com o discurso de que as ações são apenas uma brincadeira; todavia, tais brincadeiras podem ser significadas como racismo recreativo, definido por Adilson Moreira (2020) como uma prática racista camuflada no humor, contribuindo para que a discriminação seja vista como algo que não deve ser levado a sério.

A aluna percebe que foi vítima de racismo, como podemos perceber na ênfase produzida pelo operador argumentativo **mas** [*mas essa é retinta*] e na explicação do porquê não gosta de ser chamada de *Lol Preta [pois falam de um jeito que eu não acho legal*]; contudo, essa percepção não basta para impedir que as práticas racistas continuem acontecendo: *e sempre falaram e ficam fazendo gracinhas*. Ana Beatriz Barbosa Silva (2015) explica que o agressor faz uso de estereótipos, cor da pele ou etnia como mecanismos para humilhar, inferiorizar e exercer poder, o que pode levar a traumas profundos na vítima.

No **Relato 2,** os sentidos da palavra *lazarento* se articula com o memorável religioso que retrata a parábola "O rico e Lázaro": um mendigo, chamado Lázaro, tinha o corpo coberto por feridas e se deitava na calçada de um homem rico, desejando matar a fome com as sobras da mesa farta daquela casa, mas o único alívio que recebia era oferecido por cachorros que lambiam as suas feridas. Essa história originou outros sentidos articulados a esse nome, a exemplo do *mal de Lázaro*, como reescrituração de hanseníase (lepra) e *lazarento*, reescriturando repulsivo.

Esses memoráveis apontam que renomear uma pessoa de *lazarenta* é significá-la como um ser repulsivo, que deve ficar isolado, por não estar inserido dentro dos padrões de convivência criados pela sociedade. É o que ocorria com os doentes com hanseníase, antes da descoberta do tratamento e da cura. Eram expulsos das comunidades, obrigados a viverem longe dos seus familiares, tratados como não humanos.

Outro funcionamento interessante que se observa é o uso do sufixo [-ento], que produz o sentido de intensificação da qualidade atribuída ao termo de base, com associação a valores negativos. Assim, nesse acontecimento enunciativo, o sufixo reforça a caracterização de "lazar**ento**" como algo que intensifica o sentido pejorativo, associando que ser como Lázaro é algo extremamente indesejável e socialmente desqualificante.

Ainda no **Relato 2**, a palavra *autista* é significada como um termo depreciativo, e esse

sentido rememora as concepções ainda recorrentes sobre as pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), criando e reforçando estereótipos de caráter capacitista, que as identificam como incapazes, sem inteligência, sem condições de convívio social. É possível interpretar, também, que ao chamar alguém de "autista", especialmente quando o sujeito nem possui diagnóstico de TEA, isso por si só já traz um sentido que desloca esse termo do campo clínico e identitário para o campo da ofensa, ou seja, o uso do termo "autista" neste acontecimento enunciativo reforça a estigmatização das pessoas autistas a partir do parâmetro de inferiorização e exclusão.

A análise dos relatos indica a temporalidade funcionando nos apelidos citados pelos alocutores, criando uma futuridade que aponta para outros sentidos que se cruzam, se dividem, se transformam, originando novas formas de dizer e de se poder dizer.

CONCLUSÕES

As enunciações apontam que os apelidos não podem ser significados do mesmo modo, uma vez que existe uma dispersão dos sentidos que atravessam os memoráveis recortados no acontecimento em que esses apelidos aparecem. De um lado, existem apelidos que provocam o riso das duas partes, porque não ferem, não humilham, não discriminam a pessoa. Do outro, há aqueles que diminuem, inferiorizam, causam dor, constrangimento.

Nesse sentido, tais significações que inferiorizam têm relação com estruturas sociais mais amplas, pois conforme Silvio Almeida (2019), a perpetuação do racismo é possível na medida em que (i) produz sistema de explicação específico para as desigualdades e (ii) constitui subjetividades insensíveis diante da discriminação e da violência racial, o que contribui para naturalizar apelidos que operam como formas de hierarquização e exclusão.

Assim, este debate se faz necessário para ajudar a compreender como os sentidos são historicamente produzidos e disputados, sobretudo quando atravessam experiências de racialização e desigualdade. Para Nilma Lino Gomes (2017), o Movimento Negro atua como um movimento negro educador, ao desenvolver saberes com base nas lutas contra o racismo e tensionando os conhecimentos hegemônicos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 154 p.

GUIMARÃES, Eduardo [2002]. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica, enunciação e sentido**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. 4. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Principium, 2015.